

Ilmo. Sr. Ivo Galindo, Presidente do Grupo Espírita Novo Alvorecer.
Demais membros da Diretoria
Meus irmãos e irmãs espíritas

Que Deus nos abençoe e o Espírito de Verdade (Jesus de Nazaré) nos proteja e oriente.

Ao iniciar nossa palestra desta noite, quero, antes de tudo, agradecer a boa acolhida que estou tendo aqui em Recife, e, particularmente, nesta casa tão bem orientada pelo Espírito do Dr. Marco.

Agradeço também a oportunidade que me foi dada de falar sobre a vida e a obra de Allan Kardec, cujo bicentenário de nascimento foi festivamente comemorado no ano passado.

Muito se tem escrito e falado sobre o Codificador da Doutrina Espírita. Apesar disso, para muita gente, ele continua sendo ainda um grande desconhecido.

Nosso objetivo, portanto, é fazer com que todos o conheçam em toda a sua grandeza.

Para isso, dividimos nossa exposição em três partes distintas.

Na primeira, mostraremos o Homem, sua família, sua infância e adolescência, a época em que viveu e as influências que sofreu.

Na segunda, focalizaremos o único e verdadeiro Missionário da Terceira Revelação.

Na terceira, finalmente, daremos uma visão panorâmica do Movimento Espírita pós desencarnação de Kardec em 1869.

Temos certeza absoluta de que contamos com a compreensão e boa vontade deste público maravilhoso que nos prestigia com sua presença.

Começemos então pela primeira parte.

Em princípios do séc. XIX, viviam em **Lyon**, importante cidade do sudeste da França, o Dr. **Jean Baptiste Antoine Rivail**, juriconsulto, pertencente a uma família importante da classe média, cujos ascendentes ilustres remontam ao séc. XVI, e sua digníssima esposa, a Sra. **Jeanne Louise Duhamel**, “mulher notavelmente bela, prendada, elegante e afável” (Anna Blackwell).

Foram eles os pais de **Denizard Hippolyte Léon Rivail**, nascido, em Lyon, no dia 03 de outubro de 1804, conforme Certidão de Nascimento, lavrada em Cartório da Prefeitura da Divisão Meridional de Lyon. Entretanto, como pertencia a uma família lionesa tradicionalmente católica, foi batizado com o nome de Hippolyte Léon Denizard Rivail, na Igreja de Saint-Denis de La Croix Rousse, no dia 15 de junho de 1805. Prevalece, portanto, o primeiro nome “Denizard Hippolyte”.

Seus primeiros anos de vida foram passados em sua cidade natal, na companhia dos pais, tendo recebido no lar uma excelente educação “na atmosfera correta, talvez um pouco severa, da família lionesa, onde era muito forte o espírito de justiça e de honestidade” (André Moreil), mas, por certo, uma educação calcada, naturalmente nos preceitos evangélicos pregados por Jesus, o Homem de Nazaré,

Sua vida escolar começou aos seis anos, tendo aprendido as primeiras letras com sua mãe e uma senhora, professora de uma escola primária próxima da residência.

Em 1814, portanto, com dez anos de idade, foi levado para **Yverdon** (Suíça), onde foi matriculado como aluno interno no **Instituto Pestalozzi**.

Dois foram os motivos que levaram aqueles pais extremosos a separar-se do filho querido: o primeiro, ligado à situação política decorrente das guerras napoleônicas. Nesse ano, o Imperador Napoleão I, perdia a célebre Batalha de Waterloo e a França era ocupada pelos exércitos aliados. O segundo, referente à fama de ótimo educandário de que gozava aquele Instituto, que já tinha dez anos de funcionamento, onde as melhores famílias matriculavam seus filhos, para receberem aulas com excelentes professores do Curso de Humanidades.

De fato, ali o pequeno Denizard aprendeu várias línguas e se aprofundou no conhecimento da História, da Literatura, da Filosofia e, sobretudo, de várias ciências, como a Física, a Química, a Biologia, a Geografia, a Astronomia e a Antropologia.

Foi ali, no Instituto Pestalozzi, quando já estava no final do curso (1823), que teve início sua vida de professor. É que, tendo se destacado sempre como ótimo aluno em todas as disciplinas, era, constantemente, convidado a substituir algum professor ausente. Começou, portanto, como professor-substituto.

Depois, terminado o Curso de Humanidades, foi para Paris, onde passou a morar com seus pais, dando aulas particulares, para ajudar no orçamento doméstico (“ele foi obrigado a viver no dia-a-dia, esforçando-se para ganhar o pão cotidiano”, como informa André Moreil).

Ao mesmo tempo escrevia livros didáticos, que eram sempre bem recebidos pelos críticos, e, por isso mesmo, adotados nas salas de aula. O primeiro foi lançado em 1824. Outros foram aparecendo depois. Um deles, inclusive, em que apresentava o seu “Plano de Reforma do Ensino na França”, em 1831, foi premiado pela Real Academia de Arras (Departamento do Sena).

E foi o grande conceito de que gozava como pedagogo que o levou a ser admitido como professor do Liceu Politécnico de Paris, onde trabalhou durante um bom tempo.

Em 1831 conheceu a professora de letras e artes **Amélie Gabrielle Boudet**, natural de **Thiais** (Dep. do Sena), onde nasceu em 23 de novembro de 1795. Seu pai, **Julien Louis Boudet**, era proprietário de imóveis e antigo tabelião da República. Sua mãe, **Joulie Louise Seignat de Lacombe**, era excelente dona de casa.

Logo no primeiro encontro, o Prof. Denizard Rivail e a Profa. Amélie Boudet sentiram que uma grande afinidade espiritual unia suas almas. Por isso resolveram casar-se, o que aconteceu no dia **06 de fevereiro de 1832**. E foram 37 anos de uma vida conjugal muito feliz, repleta de amor, compreensão e muita solidariedade da parte de ambos. “Os dois se entendiam muito bem” (Moreill).

O professor Denizard Rivail exerceu também outras atividades: foi **tradutor** de várias línguas, **magnetizador**, membro da Sociedade de Magnetismo de Paris, **Contador** ou Técnico de Contabilidade de várias firmas comerciais e **maçon**, militante numa Loja Maçônica francesa.

Tendo vivido no séc. XIX, que ficou na História conhecido como o “século das luzes”, marcado por profundas e agitadas controvérsias filosóficas e religiosas, o Prof. Denizard Rivail, como **bom polemista** que era, participou de várias discussões sobre temas importantes como o Positivismo de Comte, o Evolucionismo de Spencer e Darwin, o Socialismo de Fourier e Saint-Simon, o Materialismo Histórico e Dialético de Marx e Engels.

Entre as correntes culturais que influenciaram bastante sua formação intelectual, devemos destacar o Humanismo, o Racionalismo e o Universalismo.

No final dos anos quarenta do séc. XIX, enquanto na França o Prof. Rivail se entregava com entusiasmo às suas atividades normais, estranhos e insólitos fenômenos aconteciam em Hydesville, pequena aldeia do Estado de Nova Iorque (EE.UU.). Essas manifestações ocorriam na residência dos **Weekmans**, que, por isso mesmo, ficou conhecida como “casa mal assombrada”. E continuaram, mesmo depois que o imóvel passou para a propriedade do **Sr. John Fox**, que foi morar ali com sua esposa, Margareth e suas três filhas: Margareth, Katharine e Léa.

Veio depois a se saber que eram provocadas por um ser invisível, que acabou se identificando como sendo o Espírito de **Charles Bryan Rosma**, um mascate, que fora brutalmente assassinado e seu corpo, primeiramente “enterrado com cal no meio da adega”, e depois trasladado para “debaixo de uma das paredes da casa”. O entendimento se fez através da mediunidade de efeitos físicos das irmãs Fox.

Feitos os devidos esclarecimentos, a paz voltou a reinar no seio daquela família. E, como consequência lógica dos fatos, surgiu o “Espiritualismo moderno”.

Aproveitamos o ensejo para lembrar que quem, realmente, tratou muito bem desse assunto foi o confrade Lamartine Palhano Junior, autor do livro “Rosma, o Fantasma de Hydesville”, lançado pela Editora Lachâtre.

Os fenômenos das mesas girantes, chegaram, na segunda metade do séc. XIX, à Europa ocidental. Logo se tornou moda nos salões da aristocracia e nas residências de pessoas da classe média, promover reuniões para se conversar com os seres invisíveis.

Em casa da Sra. **Roger**, que era sonâmbula, quem realizava sessões desse tipo era o Sr. **Fortier**, que atuava como magnetizador. Este, em 1854, por duas vezes se encontrou com seu amigo, o Prof. Rivail, e, primeiramente, lhe contou a novidade do momento, ou seja, além das pessoas, pode-se magnetizar também as mesas, conseguindo-se fazer que se movam à vontade.

O prof. Rivail não se surpreendeu com isto e atribuiu a causa desse fato ao *fluido magnético*, espécie de eletricidade.

Algum tempo depois, ambos se encontraram novamente, e o Sr. Fortier declarou: “ – *Sabe que temos agora uma coisa mais extraordinária ainda: não só se consegue magnetizar uma mesa, fazendo-a mover-se de um lado para outro, como também que fale*”.

O prof. Rivail esboçou um sorriso de ironia e incredulidade e retrucou:

“ – *Bem! Isto agora é uma outra questão. Só acreditarei quando o vir e quando me provarem que uma mesa tem cérebro para pensar, nervos para sentir e possa tornar-se sonâmbula. Até lá, permita-me continuar com minhas dúvidas.*”

No ano seguinte, 1855, o Prof. Rivail se encontrou com o **Sr. Carlotti**, um velho amigo de 25 anos, que tocou no mesmo assunto, mas demonstrando, como sempre fazia, um entusiasmo exagerado. Foi ele quem, pela primeira vez, se referiu à intervenção dos seres invisíveis, contando fatos surpreendentes. Mas, ao invés de o convencer, só fez aumentar suas dúvidas.

O Prof. Rivail continuou freqüentando as sessões em casa da Sra. Roger. E lá veio a conhecer o **Sr. Pâtier** e a **Sra. Plainemaison**, que lhe falaram desses fenômenos com o mesmo entusiasmo do Sr. Carlotti, mas em tom muito diverso, de modo a produzir nele viva impressão. Por isso consentiu em assistir às sessões que se realizavam em casa da Sra. Plainemaison.

Logo da primeira vez em que lá esteve, viu coisas impressionantes. Saiu de lá completamente abalado em sua convicção, como ele próprio declarou:

“ *Foi aí que, pela primeira vez, presenciei o fenômeno das mesas que giravam, saltavam e corriam, em condições tais que não deixavam lugar a qualquer dúvida (...) Assisti a ensaios de escrita mediúnica numa ardósia, com o auxílio de uma cesta. Não me foi difícil perceber que havia ali um fato que, necessariamente, decorria de uma causa. Era preciso, pois, descobrir essa causa. Havia realmente, algo sério, como que a revelação de uma nova lei. E tomei a decisão de descobrir essa lei e encontrar a causa daqueles fenômenos...*”

Não foi difícil, pois, veio a conhecer o **Sr. Baudin** e suas filhas (**Caroline** e **Julie**), que faziam sessões de magnetismo em casa. Como as moças eram médiuns, escreviam numa ardósia com o auxílio de uma cesta (carrapeta).

Foi numa dessas sessões que veio a saber que o **Espírito Zéfiro** era protetor da família Baudin e lhe deu grandes provas de simpatia e amizade. Veio a saber também que o **Espírito de Verdade** era o seu Guia e Mentor Espiritual.

Convencido então da realidade dos fatos, o Prof. Rivail declarou:

“*Foi nessas reuniões que comecei, realmente, meus estudos sérios de Espiritismo*”.

E que decisão tomou?

É ele mesmo quem nos informa:

“ – *Apliquei a essa nova ciência, como o fizera até então, o método experimental, ou seja, nunca elaborei teorias preconcebidas; passei a observar cuidadosamente tudo que acontecia; fazia comparações; deduzia consequências; dos efeitos procurava remontar às causas; nunca admitia como válida uma explicação senão quando resolvia todas as dificuldades da questão. Foi assim que procedi sempre em meus trabalhos anteriores desde os 15 anos de idade...*”

Quais foram os primeiros resultados do seu estudo?

Verificou logo do início que os Espíritos, nada mais sendo do que as almas dos homens, não possuíam nem a plena sabedoria, nem a ciência integral. O saber de que dispunham se limitava ao grau de adiantamento que haviam alcançado até então. Sua opinião só tinha o valor de uma opinião pessoal. Foi esta convicção, essa verdade, que o preservou do grave erro de crer na infalibilidade dos Espíritos e o impediu de formular teorias prematuras, tomando por base o que ouviu de um ou de alguns deles.

Outro resultado importante do seu estudo foi que a simples comunicação com os Espíritos, dissessem eles o que dissessem, provava a existência do mundo invisível. Era preciso então conhecer as características desse mundo, seu estado, seus habitantes, seus usos e costumes, etc...

Para o prof. Rivail, os Espíritos foram simples “informantes” e “não reveladores predestinados”.

Tais foram as disposições com que empreendeu seus estudos. Agiu sempre como um verdadeiro cientista, usando o método positivo de trabalho: “**Observar os fatos, compará-los, julgá-los, classificá-los**”.

Sua preocupação máxima era obter dos Espíritos solução para os problemas que sempre muito o interessavam do ponto de vista da Filosofia e da Psicologia, bem como procurar o conhecimento da natureza do mundo invisível. Para isto, levava sempre consigo uma série de questões adrede preparadas e metodicamente dispostas. E as respostas foram surgindo com precisão, profundidade e lógica.

Em 1856, passou a frequentar também as sessões realizadas em casa do **Sr. Roustan** e da **Sra. Japhet**, usando o mesmo método científico de trabalho.

Aí veio a saber qual seria sua missão. Seria a de um “**obreiro que reconstrói o que foi demolido**” (30/4/1856), o que foi confirmado depois pelo **Espírito Hahneman** (07/06/1856) e pelo **Espírito Verdade** (12/06/1856)

Para o Espírito Verdade, o Prof. Rivail seria um “**reformador social**”, missão “*difícil e rude, cheia de escolhos e perigos, pois se tratava de abalar e transformar o mundo...*”

Com a aplicação do método científico de trabalho, o Prof. Rivail conseguiu material suficiente para publicar seu primeiro livro. Mas antes de o levar ao prelo, submeteu-o ao exame dos Espíritos que o assistiam e se manifestavam não só através da mediunidade das filhas do Sr. Baudin, como da Sra. Japhet e outros médiuns. “Mais de dez médiuns prestaram concurso a este trabalho de revisão”.

Aprovada que foi a publicação do livro, era preciso decidir com que nome seria assinado. O professor ficou indeciso: seria com o seu nome, ou adotaria um pseudônimo?!

Foi então que o Espírito Zéfiro, sem qualquer premeditação, veio ajudá-lo, ao revelar que, no tempo em que ambos viviam nas Gálias, ele, o Prof. Rivail, atendia pelo nome de **Allan Kardec**.

Pronto! Estava resolvida a questão! Foi esse o pseudônimo que passou a usar.

Assim, em 1857 (18 de abril) era lançado “*O LIVRO DOS ESPÍRITOS*”, contendo os princípios básicos da Doutrina Espírita e uma explicação lógica das leis naturais à luz do Espiritismo.

Depois foram aparecendo os outros.

Em 1859 “*O QUE É O ESPIRITISMO*”, onde Kardec diz que se trata de uma ciência prática e uma doutrina filosófica com conseqüências morais.

Em 1861 “*O LIVRO DOS MÉDIUNS*” ou “*GUIA DOS MÉDIUNS E EVOCADORES*”, que trata, especificamente, das manifestações espíritas e dá ênfase à evocação dos Espíritos (cap. XXV).

Em 1864 “*O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO*”, contendo textos extraídos do Novo Testamento e a explicação da parte moral da doutrina de Jesus, com seus comentários e as Instruções dos Espíritos.

Em 1865 “*O CÉU E O INFERNO*” em cuja primeira parte Kardec analisa os dogmas da Igreja à luz do Espiritismo e, na Segunda, apresenta vários exemplos de manifestações espíritas devidamente classificadas.

Em 1868, finalmente, Kardec publica sua última obra: “*A GÊNESE*” com uma explicação dos milagres e das predições segundo o Espiritismo.

É nessa obra que ele combate a teoria do corpo fluídico de Jesus, defendida pelo **docetismo** (doutrina gnóstica do séc. II) restaurada por **J. B. Roustaing**, no séc. XIX. Além disso, explica, cientificamente, a origem do homem e defende a teoria do evolucionismo.

Ao mesmo tempo em que Allan Kardec se apresentava como escritor, mostrava-se também como jornalista e administrador.

Como jornalista, seu aparecimento se deve ao fato de ter lançado, em janeiro de 1858, a “Revista Espírita” ou “**Jornal de Estudos Psicológicos**”.

Como administrador, apareceu quando fundou e dirigiu como presidente, durante muitos anos, a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas (**SPEE**)

Mas também foi um grande **divulgador** da Doutrina Espírita. Para isso realizou várias viagens de propaganda. Primeiramente, quando: em 1860, voltou a Lyon, sua cidade natal, tendo aproveitado o momento das homenagens que lhe foram prestadas, para dizer, alto e bom som: “*É necessário tudo examinar friamente, tudo pensar, maduramente, tudo controlar, tudo comprovar...*”.

Em 1861, esteve primeiramente em Sens e Mâcon e depois em Lyon, novamente, e em Bordéus. Nestas cidades, foi muito bem recebido pelos espíritas locais, que fizeram questão de homenageá-lo.

A Bordéus ele foi, atendendo a convite do Sr. Sabo, para prestigiar com sua presença a inauguração da Sociedade Bordelense de Estudos Espíritas. Mas Roustaing, conceituado advogado, que trocara antes algumas cartas amistosas com Kardec, tratando-o como “caro senhor” e “muito honrado Chefe espírita”, fez questão de não comparecer nem à reunião geral, nem ao banquete que lhe foi oferecido. E também não se preocupou em justificar sua ausência.

Em 1862 fez várias viagens de propaganda do Espiritismo, tendo passado por cerca de 20 cidades e participado de cerca de 50 reuniões (Ver o livro “VIAGEM ESPÍRITA EM 1862”).

Em 1867 voltou a Bordéus e depois foi a Tours e a Orléans. Em Bordéus não foi procurado por Roustaing, que já tinha publicado, no ano anterior, **à revelia de Kardec**, sua obra, ou melhor, a obra que leva o seu nome: “Os Quatro Evangelhos”.

Nesse mesmo ano de 1867, antes de viajar para Bordéus, desabafou, dizendo: *“Tudo que foi previsto pelo Espírito de Verdade, em 1856, aconteceu em todos os pontos. Experimentei todas as vicissitudes. Lutei contra o ódio de inimigos encarniçados, contra a injúria, a calúnia e o ciúme. Libelos infames foram publicados contra mim. As minhas melhores instruções foram falseadas. Traíram-me aqueles em quem eu mais confiança depositava. (...) Mas tive também muitas compensações, graças à proteção que sempre tive do Espírito de Verdade e seus assessores imediatos”.* (Obras Póstumas)

Allan Kardec, como sabemos, desencarnou, no dia **31 de março de 1869**, tendo sido enterrado no **Cemitério Montmartre**, onde, antes de o corpo descer à sepultura, foi saudado pelo **Sr. Levent**, que falou representando a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, pelo **Sr. Miller**, em nome da família, e pelo astrônomo, **Sr. Camille Flammarion**, que o tratou como “o bom senso encarnado”.

Em março do ano seguinte, seus restos mortais foram trasladados para o **Cemitério de Père-Lachaise**, em Paris.

Desaparecia assim o **Homem, o grande Homem**, que foi o Prof. Rivail, que ficou mais conhecido como Allan Kardec. Mas seu Espírito não. Este retornava à Pátria Espiritual, onde permaneceria por algum tempo, até voltar novamente ao plano físico, conforme foi anunciado pelos Espíritos

O primeiro a fazer este anúncio foi o Espírito Zéfiro, em sessão realizada na casa do Sr. Baudin, no dia 17 de janeiro de 1857 (Obras Póstumas). O segundo foi o Espírito de Verdade, em sessão realizada na casa de Allan Kardec no dia 10 de junho de 1860 (ídem). O terceiro foi o Espírito do Dr. Demeure, em sessão realizada na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, em 02 de fevereiro de 1865 (O Céu e o Inferno).

Todos foram unânimes em afirmar que a permanência do seu Espírito na erraticidade, após a desencarnação, seria por pouco tempo, pois era preciso reencarnar para completar sua missão.

E Kardec levou muito a sério esse aviso. Tanto assim que, calculando, aproximadamente, quando se daria sua volta ao plano físico, chegou à conclusão de que só poderia ser no final do séc. XIX ou no princípio do séc. XX..

Ficou, portanto, plenamente convencido de que era certa sua volta.

Pode-se então perguntar com muita curiosidade: “ – Onde iria ele reencarnar novamente? Onde?”

Analisemos então a realidade dos fatos.

Na França, novamente, não seria indicado, porque ali o Espiritismo entrou em decadência, devido à ação de seus sucessores, a começar pelo Sr. Pierre Gaétan Laymarie, que o substituiu na direção da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas e na direção da Revista Espírita. E houve também o conhecido “Processo dos Espíritos” que culminou com a prisão de Laymarie e a desmoralização dos profíctos do Espiritismo, principalmente os médiuns.

Nos outros países da Europa também não era aconselhável devido à situação política com o predomínio do materialismo dialético na União Soviética e do nazi-fascismo que dominou a Alemanha de Hitler e a Itália de Mussolini.

Na América inglesa o preconceito contra a reencarnação ainda era muito forte.

Na América espanhola, talvez na Argentina, onde, por influência nossa o Espiritismo teve um grande desenvolvimento.

O mais provável é que fosse no Brasil. Por que?

Simplemente porque, devido à obra dos chamados “pioneiros” (Augusto Elias da Silva, Antonio Luiz Sayão, Travassos, Bezerra de Menezes, Bittencourt Sampaio e outros), os livros de Kardec e de Roustaing foram logo traduzidos e passaram a ser estudados no Grupo Espírita Fraternidade e no Centro Espírita “Anjo Ismael” que depois se uniram para criar a Federação Espírita Brasileira em 1884.

Acontece, porém, que esses “pioneiros” eram oriundos de famílias muito católicas, diria mesmo, carolas em excesso, e, por esta razão, deram preferência aos “Quatro Evangelhos” de Roustaing, o que não é de se estranhar, porque se trata de uma “obra jesuítica”, ou melhor “uma ultra-revelação jesuítica com todos os seus sacramentos”, como disse Luciano Costa, em seu livro “Kardec e não Roustaing”, (pág. 207 da EDICEL). Daí ter estabelecido o estatuto da FEB que só poderia ser eleito presidente da chamada “Casa Mater” quem fosse declaradamente roustainguista e aceitasse a obra de Roustaing como complementar às da Codificação Kardeciana.

E depois a mensagem psicografada pelo médium roustainguista Frederico Junior, em sessão mediúnica realizada na Sociedade Espírita Fraternidade, e atribuída a um pseudo Espírito de Kardec sob o título de “Instruções aos Espíritas Brasileiros” veio dar mais força aos pioneiros do Espiritismo. Além do mais, deve-se ressaltar que o próprio Sr. Allan Kardec, em 1866, havia tecido comentários favoráveis à obra de Roustaing, embora tivesse também ressaltado os pontos negativos, as coisas duvidosas que encontrou, motivo porque não a aceitava como complementar às suas..

Mas, na verdade, quem explicou muito bem o predomínio do roustainguismo entre os pioneiros do Espiritismo no Brasil foi o Prof. Herculano Pires que disse:

“A obra de Roustaing surgia como uma tábua de salvação, livrando os pioneiros do racionalismo kardeciano (...) Era uma volta ao maravilhoso, ao Cristo místico, divino no espírito e no corpo. Roustaing devolvia a essas criaturas muito católicas as ilusões perdidas da religião lírica que as embalara desde a infância.. (“O roustainguismo à luz dos textos”).

Temos que reconhecer que não foi somente a mensagem psicografada por Frederico Jr. que veio reforçar o prestígio e o poder da FEB, e, sim, outras duas que apareceram pela mediunidade de Zilda Gama e Hernani T. Sant’Ana, ambos médiuns roustainguistas. Mas, acima delas está a que recebeu o médium Francisco Cândido Xavier, ao psicografar o livro “Brasil, Coração do Mundo e Pátria do Evangelho”, ditado pelo Espírito de Humberto de Campos, prefaciado pelo Espírito do jesuíta Manoel da Nóbrega (Emmanuel) e publicado em 1938 pela Federação Espírita Brasileira.

Sim, nessa obra se lê que J. B. Roustaing foi auxiliar de Kardec. Senão vejamos: “Em uma das Assembléias Espirituais, presididas pelo coração misericordioso e augusto do Cordeiro de Deus, o Espírito de Kardec foi designado para voltar ao planeta, o que se deu no dia 3 de outubro de 1804, na cidade de Lião. Em sua tarefa, contaria com a cooperação de uma plêiade de auxiliares, a começar por João Batista Roustaing, que seria encarregado de organizar o trabalho da fé. Em segundo plano viriam Léon Denis, Gabriel Delanne e Camille Flammarion”. (pág. 176 da 11ª e da 25ª edições da FEB). Nessa obra também se faz a apologia da F.E.B. (cap. XXVIII), fundada, mantida e dirigida pelos “pioneiros” roustainguistas e seus sucessores, adeptos de Roustaing.

Francisco Cândido Xavier, como médium, exerceu, na verdade, um papel de grande projeção nacional e internacional, devido a vários fatores: uma vida de sacrifícios que levou, desde criança, quando foi muito maltratado em casa; sua grande humildade e submissão perante os grandes e poderosos do momento histórico em que viveu; sua vasta produção mediúnica, que caiu sobre nós como uma verdadeira chuva torrencial de verão; o enorme apoio que deu à FEB para compensar o que dela recebeu, principalmente para o lançamento de suas obras mediúnicas; as entrevistas que concedeu à imprensa escrita, falada e televisionada; as viagens que fez ao exterior, divulgando o Espiritismo, mas, sobretudo, justiça seja feita, por sua grande obra de assistência material, social e espiritual às pessoas necessitadas. Foi um grande médium, realmente ! Merece, portanto, todo o nosso respeito e admiração.

Entretanto, essa admiração não deve nunca se transformar em idolatria, como fez Ranieri, tratando-o como o “santo dos nossos dias”; como fez o escritor e jornalista Marcel Souto Maior, que o considera “o maior e mais importante líder espírita”; como fez o escritor Samuel Willard, que “o colocou entre “Os 100 líderes espirituais que mudaram a história do mundo”, e, sobretudo, como fez a Dra. Marlene Nobre, que o considera a “reencarnação de Allan Kardec”. Isto é o que se pode chamar de fanatismo exacerbado. Para mim ele foi de fato e tão somente um grande, um excelente médium, nada mais. Acho mesmo que houve muito exagero nessa linha de apreciação da personalidade e da produção mediúnica desse cidadão de Pedro Leopoldo/MG. Mas, quero deixar bem claro que respeito a opinião daqueles que têm por ele um exaltado apreço.

Não vamos polemizar por isso.

Aliás, nem é preciso chegar a tanto, porque polêmicas, e muitas, nunca faltaram no movimento espírita brasileiro. A primeira surgiu logo no início, entre os chamados “científicos” e os “místicos” ou roustainguistas, estes afirmando, inclusive, que Kardec também era um deles.

Depois, veio, em 1925, a tentativa de se instalar uma Assembléia Nacional Constituinte Espírita, que não contou com a aprovação e participação do dirigente máximo da FEB, no qual falaram mais alto: o orgulho, a vaidade e o desejo de poder absoluto. Mesmo assim, à sua revelia, ela foi realizada e teve como fruto a criação da Liga Espírita do Brasil, que funcionou por muito tempo.

No ano seguinte, 1926, por decisão do Conselho Federativo da FEB, a Religião de Umbanda foi equiparada ao Espiritismo ou Religião Espírita, dando assim pretexto ao aparecimento da Federação Nacional do Espiritismo de Umbanda e às casas de caboclos e “Pais de Santos”. Isto, de fato, vem causando grande celeuma.

Posteriormente, na década de quarenta do século passado, apareceu Ismael Gomes Braga, que, em seu livro “Elos Doutrinários”, apoiado e publicado pela FEB, afirmou, categoricamente, que o roustainguismo “é um curso superior de Espiritismo”, o que mereceu a sábia resposta de Henrique Andrade, que, em seu livro “A BEM DA VERDADE”, provou que isto era uma vergonhosa mentira.

Mais ou menos na mesma época se espalhou que Allan Kardec estava ultrapassado e era preciso atualizá-lo. Isto deu pretexto ao aparecimento do Espírito Ramatis, que, pela mediunidade de Hercílio Maes, lançou a obra “A Vida no Planeta Marte”. Ao mesmo tempo, o Presidente da FEB., Sr. Guillon Ribeiro, traduzia, prefaciava e editava pela FEB a obra “A Grande Síntese” do médium italiano Pietro Ubaldí, que mereceu grande elogio do ex-jesuíta Padre Manoel da Nóbrega (Emmanuel).

Recentemente, um grande grupo de intelectuais brasileiros com o apoio da CEPA (Confederação Espírita Pan-americana), aproveitando a dica de que Kardec está ultrapassado, defende o projeto da criação de um “espiritismo laico”. E, promovendo simpósios e congressos, põe em discussão a melhor maneira de se atualizar o Codificador do Espiritismo, que consideram o “fundador”, o que foi sempre repudiado pelo Mestre lionês.

Dois temas que têm dado motivo a muitas discussões são: 1º) O Espiritismo é ou não é uma religião? 2º) Devemos ou não evocar os Espíritos, o que era da preferência de Kardec mas não de Emmanuel e do Chico?

Mas isso não se discute nos grandes congressos espíritas. A evocação dos Espíritos virou mesmo um grande tabu.

Entretanto o grande, quiçá, o maior desastre ocorrido dentro do movimento espírita brasileiro foi a assinatura de um acordo feito em outubro de 1949, conhecido como “**Pacto Áureo**”, que funciona como uma verdadeira mordada e sobre o qual assim se pronunciou o Prof. Herculano Pires:

“O silêncio estabelecido pelo ‘Pacto Áureo’ deu resultados negativos, pois toda uma geração de espíritas se formou nesse período”.

E não só essa geração, como também as que vieram posteriormente. Vivem todas sufocadas, debaixo de uma grande pressão, para se manter esse sistema criado há mais de um século.

O que houve, na verdade, foi a instalação de um “**pacto do silêncio**” em prol do “**mito da unificação**”.

Estamos hoje vivendo mesmo numa espécie de período medieval, com um papado forte em Brasília, auxiliado por uma nova “Inquisição jesuítica” e uma “dominante Congregação do Índex”. Resultado: é crime falar contra o sistema estabelecido em 1884 com a criação da FEB, que conta com o apoio dos jesuítas espirituais, que se instalaram aqui em 1927 e tiveram sua ação reforçada em 1949. Quem ousa fazer críticas ao sistema é tido como obsedado e visto com desprezo.

Por isso mesmo os erros e abusos dentro das casas espíritas a serviço do “pontífice” são os mais grosseiros e deploráveis, como pode ser comprovado com os depoimentos que apresentamos a seguir.

“É de estarrecer o **vulto de abusos** encontrados nos **centros espíritas** quanto à prática doutrinária” lê-se no jornal espírita “O Imortal” de Cambé/PR – (1972).

“Os espíritas representam, sem dúvida, **o maior entrave ao progresso da Doutrina**, porque a maioria não lê as obras de Kardec...” Carlos de Brito Imbassahy, de Niterói/RJ – (1989).

“Nosso movimento espírita **vai mal** devido ao misticismo acentuado e à falta de lealdade a Kardec” Antonio Speschit, de São Paulo (1989).

“**Precisamos, urgentemente, kardequizar o Movimento Espírita Brasileiro...**” NAZARENO Tourinho, de Belém/PA (1994);

“O Movimento Espírita Brasileiro caminha **refém da mediunidade** e de um insaciável **mercado de obras psicografadas**, que só visa o **lucro fácil...**” José Manoel Ferreira Barbosa, de Nova Friburgo/RJ – (2002)

“A **prática** do Espiritismo traz **ações contrárias** ao próprio **corpo doutrinário**: idolatria aos médiuns, dirigentes de instituições espíritas vitalícios e autoritários; aceitação de teorias sem qualquer exame prévio; falta de debates de temas polêmicos...” Eduardo Fernandes, de Capivari/SP (2000)

“A **falta de cultura doutrinária** dos espíritas é **muito grande**, porque o grande público prefere os romances mediúnicos às obras de Allan Kardec...” Prof. Celso Martins, do Rio de Janeiro/RJ

“O Movimento Espírita Brasileiro **está em crise** devido: ao **autoritarismo dos dirigentes** de instituições; à ausência de jovens nas atividades dos centros; ao descontentamento de muitos: à submissão da grande maioria aos erros que se encontram dentro do sistema estabelecido...” Paulo Henrique Figueiredo, de S. Paulo/SP (2004)

Mas, indagarão muitos, por que nos preocupamos com isso?

Foi numa “Instrução” dada pelo Espírito São Luiz, protetor da SPEE, em 1860 que encontramos a resposta:

“**A ninguém é defeso ver o mal, quando o mal existe...**” e “**Segundo as circunstâncias, desmascarar a hipocrisia e a mentira pode constituir um dever**”(E.S.E. X, nº 20 e 21)

Sim, meus prezados irmãos, temos que ver o mal. Mas isto só não basta, acima de tudo temos que o denunciar e apontar soluções condignas para “**colocar as coisas no seu verdadeiro sentido, para dissipar as trevas, confundir os orgulhosos e glorificar os justos**” como nos mandou o Espírito de Verdade que disse ainda: “Não podemos continuar permitindo que o **joio** continue misturado com a **boa semente**, as **utopias** com as **verdades**”.

É necessário “**desconfiar dos falsos profetas**, encarnados e desencarnados; esses que servem a dois senhores ao mesmo tempo, apresentando-nos sistemas absurdos e ridículos; escondendo-se atrás de nomes respeitáveis para iludir os ingênuos e os incautos...” como nos mandou o Espírito de Erasto, Discípulo de São Paulo e Guia de Kardec, em sua Epístola dirigida aos espíritas de Bordéus em 1861.

Que devemos fazer então? Como devemos agir? A solução é muito simples.

Primeiramente **temos que nos instruir**, como nos ensinou o Espírito de Verdade.

Para isto temos que seguir o conselho dado por Allan Kardec, que disse: “*Os que desejam conhecer completamente uma ciência devem ler, necessariamente tudo o que foi escrito a seu respeito, ou, pelo menos o principal, não se limitando nunca a um só autor. Devem mesmo ler os prós e os contras, as críticas e os elogios*” (Livro dos Médiuns, Parte I, cap. 3, nº 35)

Depois de conhecermos bem o que está nas obras de Kardec, devemos ler e estudar a fundo o que disseram seus fiéis e leais continuadores: Léon Denis, Gabriel Delanne e Camille Flammarion.

O luminoso Espírito de Erasto, ao nos mostrar qual era a verdadeira “**missão dos espíritas**” deixou bem claro que “**a hora é esta, porque conosco estão os Espíritos superiores** da gloriosa Falange do Espírito de Verdade”.

Devemos, portanto, ir e pregar a palavra divina. E a palavra divina está na Revelação Espírita, apresentada por Allan Kardec em sua última obra “A Gênese”, publicada em 1868.

Por sua vez o **Prof. José Herculano Pires**, num momento de grande inspiração, nos disse, claramente:

“**É preciso dizer, alto e bom som, nas palestras, nos artigos e nos livros, toda a verdade sobre a obra de Roustaing (...)** **É dever dos espíritas sinceros combater a mistificação roustainguista, pois o Cristo agênera (o corpo fluidico de Jesus) é a ridicularização do Espiritismo...**” (Obra citada)

Meus irmãos, estamos no começo de uma Nova Era, de um Novo Milênio, de um Novo Século, vale dizer que **estamos num “Novo Alvorecer**”.

Não foi, portanto, à toa, que, daqui desta casa, que ostenta este título grandioso e sublime, partiu um dia um veemente “**Grito de Alerta ao Centro Espírita**”.

Não foi à toa também que o Espírito do Dr. Bezerra de Menezes, quiçá arrependido de ter sido roustainguista fanático na última encarnação, declarou, pela psicografia de Chico Xavier: “**Kardequizar é a legenda de agora (...)** **Kardequizar, sim, para evoluir com acerto**”.

Façamos, pois, o que os Mestres mandaram.

VAMOS KARDEQUIZAR O MOVIMENTO ESPÍRITA BRASILEIRO!

VIVA ALLAN KARDEC !

Este é o recado que tínhamos para lhes dar.

Muito obrigado!

Recife/PE, 13 de outubro de 2005

Erasto de Carvalho Prestes

OBSERVAÇÃO:

Esta palestra foi pronunciada na noite do dia 13 de outubro de 2005, às 20 h, no auditório do Grupo Espírita “Novo Alvorecer” de Recife/PE sob a coordenação da Sra. Tatiana Albuquerque Gonçalves de Lima e na presença de cento e vinte pessoas.